

TRAVESTILIDADE EM IMAGENS: UMA ANÁLISE DO ÁLBUM *PAJUBÁ* E DO DOCUMENTÁRIO *BIXA TRAVESTY* DE LINN DA QUEBRADA

*Tranvestility in Images: An Analysis of the Album Pajubá
and the Documentary Bixa Travesty by Linn da Quebrada*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-23

Joyce Palha Colaça*

Hiago Bezerra dos Santos**

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar o álbum *Pajubá* (2017) e o documentário *Bixa Travesty* (2019) da multiartista Linn da Quebrada. Neste texto, direcionamos nosso olhar para o encarte do CD e para fragmentos do documentário, objetivando analisar como os discursos sobre a travestilidade e o cisheteropatriarcado perpassam as obras. Para tratar desse *corpus*, nos inscrevemos no campo teórico Análise do Discurso materialista (Pêcheux, 1985; Orlandi, 2020) e nos apoiamos em discussões acerca do transfeminismo (Nascimento, 2021). Em nosso gesto de leitura, entendemos as imagens como materialidade significante (Lagazzi, 2011) e as tomamos como discurso. Como resultado dessa primeira parte de análise, concluímos que os discursos das vivências de travestis se materializam nas imagens mobilizadas pela artista para compor o encarte e as cenas do documentário e retomam sentidos compartilhados socialmente, pelos quais Linn da Quebrada se diz e diz da subjetividade travesti em sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Travestilidade. Linn da Quebrada. Pajubá. Bixa Travesty.

ABSTRACT: This article is the result of a study that aimed to analyze the album *Pajubá* (2017) and the documentary *Bixa Travesty* (2019) by multi-artist Linn da Quebrada. We direct our attention to the CD booklet and fragments of the documentary, aiming to analyze how discourses about tranvestility and cisheterosexism in patriarchy permeate the artist's works. To approach the corpus, we subscribe to the theoretical field of Materialist Discourse Analysis (Pêcheux, 1985; Orlandi, 2020) and rely on discussions about transfeminism (Nascimento, 2021). In our reading, we understand images as significant materiality (Lagazzi, 2011) and we take them as discourse. As a result of this first part of analysis, we concluded that the discourses of tranvestites' experiences materialize in the images mobilized by the artist to compose the booklet and scenes of the documentary and recapture socially shared meanings, through which Linn da Quebrada says of both herself and the transvestite subjectivity in her work.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Tranvestility. Linn da Quebrada. Pajubá. Bixa Travesty.

* Doutorado em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Sergipe. ORCID: 0000-0003-4125-5299. E-mail: joy.palha(AT)gmail.com.

** Licenciado em Letras Português-Espanhol. Universidade Federal de Sergipe. ORCID: 0009-0000-6871-0760. E-mail: hiagosantos189(AT)gmail.com.

*Mas não se esqueça
Levante a cabeça
Aconteça o que aconteça
Continue a navegar
Mas não se esqueça
Levante a cabeça
Aconteça o que aconteça
O que aconteça, ACONTEÇA.*
(Linn da Quebrada, 2017)

1 “Pedimos licença pros trabalhos começar...”

Atualmente, as figuras da travesti e da transexual estão emergindo em espaços diversos, para além do espaço urbano da rua, seja no meio artístico – no cenário musical, nas novelas, nos filmes, em programas de TV – seja na educação e na política, fazendo com que olhemos para seu trabalho e entendamos como afeta o meio social em que vivemos.

Como objetivo geral da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso¹, nos propusemos a analisar os discursos que circulam nessas produções, tendo como foco o lugar que a travesti Linn da Quebrada ocupa como sujeito(a) de seu dizer. Analisamos, portanto, o álbum completo, incluindo as letras das músicas e o encarte, além do documentário, do qual mobilizamos fragmentos da sua história tanto recortando suas falas como lançando mão das imagens que compunham as cenas da obra. O recorte (Orlandi, 1984) para este trabalho se centrou na materialidade imagética em virtude do espaço que temos para a discussão. Nesse contexto, no presente artigo, analisamos o encarte do primeiro álbum de estúdio da multiartista Linn da Quebrada, o *Pajubá*. Além do encarte, como *corpus* complementar, selecionamos fragmentos do documentário *Bixa Travesty*, que conta um pouco sobre a história de vida da artista e da produção do álbum².

Em *Pajubá*, Linn da Quebrada faz um trabalho linguístico que joga com as palavras, que se dedica às possibilidades de sentidos, fazendo ressoar o lugar da travesti como legítimo. As letras das músicas que o compõem retomam a historicidade do processo de

¹ Este texto é parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Língua, Travestilidade e negritude: uma análise discursiva do álbum *Pajubá* de Linn da Quebrada”, desenvolvido como requisito parcial obrigatório para a conclusão do curso de Letras Português-Espanhol na Universidade Federal de Sergipe.

² A escolha desse material se deu exatamente por uma questão sentimental, por um apego pessoal do discente, por entender como as letras da música o ajudaram como discursos que constituíram sua subjetividade, na sua aceitação, enquanto um corpo preto trans. Foi em virtude da aproximação com as letras das músicas que o discente, hoje coautor desse texto, passou a se compreender como uma pessoa de gênero-fluido, ou seja, como alguém que não se identifica completamente com o gênero masculino ou feminino.

marginalização que sofreram esses corpos, mas também como eles estão presentes no contexto social atual, retratando as vivências entoadas por Linn, que, quando interpretadas a partir das condições de produção atuais, incluem questões como a transfobia e o racismo, por exemplo, resultado de uma sociedade de base patriarcal. Tal construção nos permite compreender os sentidos vindos de outro lugar, do lugar dos dizeres dos oprimidos. Orlandi (2020, p. 69) afirma que:

Porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso. Nesse entremeio, nesse espaço da interpretação. A determinação não é uma fatalidade mecânica, é histórica.

Seguindo as reflexões da autora, conseguimos compreender a partir das materialidades analisadas que imagens se consolidaram e são reproduzidas socialmente acerca das travestis, que seguem sendo vítimas da sua inadequação a essa ideologia de gênero³ que se perpetua nos modos de organização social em que vivemos e que diz das travestis a partir de um lugar de discriminação e de marginalização. Com o álbum, Linn tenta romper com esses paradigmas – ou ao menos deslocar determinadas evidências – e mostrar como as travestis podem falar de si, de suas questões, de sua vida, ou seja, da travestilidade e dos seus desejos.

Para compreender esses dizeres e seu lugar como sujeito que diz de si e de suas dores, assumimos o lugar da Análise de Discurso (AD), campo teórico sobre o qual nos apoiamos e do qual vamos apontar algumas questões na próxima seção.

³ Para nós, é interessante marcar que a ideologia, no que concerne à Análise de Discurso materialista, se materializa nas diversas práticas linguísticas e sociais. Dessa forma, as questões de gênero, para além do biológico, são também simbólicas. Como afirma Mazzaro (2022, p. 45), “embora possa parecer, não se exclui a biologia, quer dizer, não se ignora a existência do pênis e da vagina, nem a reprodução dos seres que possuem esses órgãos. O que deve ficar claro é que termos como “masculino”, “feminino”, “homem”, “mulher”, “macho”, “fêmea”, “heterossexual”, “homossexual”, “bissexual” e outros, quando referidos a seres humanos, não se restringem à anatomia e às suas funcionalidades, mas indexam também aquilo que lhe é único: a linguagem e suas construções simbólicas.” Nessa direção, pensar em ideologia de gênero é compreender que socialmente o que há são discursos hegemônicos que estruturam modos de ser homem e de ser mulher, em nossa sociedade, de uma forma a privilegiar a cisgenderidade.

2 Escritos em linhas tortas: conhecendo a Análise do Discurso

Para Orlandi (2020, p. 13), não são a gramática e a língua o objeto da AD, visto que se estabeleceu como seu objeto o discurso. Este é histórico e se (re)organiza de acordo com os lugares e posições de quem o sustenta. Ainda com Orlandi (2020, p. 20), recordamos que “o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível compreender senão contradizem o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”. Isto é, o funcionamento está diretamente relacionado às condições históricas de produção e é, segundo sua definição principal, efeito de sentidos entre interlocutores. Sendo assim, a interpretação está na base dos processos discursivos, passíveis de compreensão a partir de determinados lugares. Em nosso material, os dizeres sustentados por Linn da Quebrada se enlaçam pelos saberes da própria travesti, mas também dos dizeres que produzem sobre ela. É nesse embate entre o que se sabe sobre uma travesti e sobre o que a travesti diz de si que se organiza o *Pajubá*. Compreender o *Pajubá* em sua complexidade é entendê-lo como discurso. Analisar discursivamente

é compreender os processos de produção de sentidos da língua na história, considerando o sistema significante material – ordem da língua – na sua relação intrínseca com a materialidade simbólica – ordem da história. Nosso trabalho é considerar o texto como meio de acesso ao discurso e não como seu objeto final. (Colaça, 2010, p. 38).

No caso de *Pajubá*, consideramos que se presentificam aí o *discurso sobre* as travestis e o *discurso das* travestis, visto que ao dizer X, ao significar o que é ser travesti, Linn nega outros lugares em que foram postos estes corpos. É preciso, muitas vezes, dizer do que não se é para poder dizer o que se é.

O texto para AD é a porta de entrada para o discurso, pois é a materialidade do texto que ajudará a compreender a materialidade discursiva. Nesse trabalho, além do texto, buscamos dar consequência a uma análise que considerou o álbum e o documentário como materialidade signifiicante (Lagazzi, 2011), ou seja, entendendo o imbricamento inerente ao trabalho que se faz entre texto verbal (letras das músicas/falas do documentário) e imagem (fotografias do encarte/ cenas do documentário).

Vale dizer que não buscamos um sentido verdadeiro, não é nosso objetivo asseverar o que Linn da Quebrada como travesti é ou diz que é, mas entender como ela, como sujeito

travesti, significa o seu lugar, como o compreendemos e que sentidos ressoam de seus dizeres, das imagens projetadas em seus trabalhos.

É pela memória (Pêcheux, 1999) que o dizer do outro sobre a travesti ganha lugar nas obras, pelas relações que se fazem possíveis no interdiscurso e pelo trabalho da ideologia que, segundo Orlandi (2020, p 44), é o de “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Por esse processo, o sujeito é interpelado pela ideologia, é afetado por ela de forma constitutiva. Por fim, para a AD, não nos importa aqui chegar a Lina em seu processo de transição, pois, para a AD não interessa o sujeito empírico, mas o seu lugar social e o papel que esse sujeito desempenha em determinadas condições de produção, ou seja, a Linn da Quebrada, essa figura que representa a travesti e o lugar social da travesti na atualidade. É desse sujeito, artista-ativista, que trataremos na seção seguinte, intitulada “Quem *soul* eu?”

3 “Quem *soul* eu?”

Lina Pereira dos Santos nasceu na periferia de São Paulo nos anos 90 e é uma cantora, atriz, apresentadora, compositora e ativista social. Como cantora, já adotou o nome artístico MC Linn da Quebrada, mas atualmente utiliza somente Linn da Quebrada, nome pelo qual ficou conhecida no Brasil.

Referimo-nos à Linn da Quebrada e às demais componentes de suas obras como “travestis”, tomando as palavras da própria artista e o modo como ela se autodenomina. A palavra “travesti” remonta a um imaginário negativo sobre as mulheres trans*, tanto do modo como eram ditas, como no que se refere a suas formas de socialização, visto que elas, em um passado não tão distante, tinham como espaço de trabalho as ruas, com poucas exceções. Entendemos que, ao afirmar-se travesti, Linn da Quebrada desloca essa denominação, esse lugar, para, a partir do espaço que ocupa, desmarginalizá-lo.

Linn foi criada por sua tia durante a sua infância e adolescência nas cidades de Votuporanga e São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Durante o tempo que passou com a sua tia, a cantora seguiu a religião das Testemunhas de Jeová, mas atualmente Linn é candomblecista tendo como seu Babalorixá Rodney William, Doutor em Ciências Sociais e escritor.

Além de possuir dois álbuns de estúdio, o *Pajubá* (2017) e o *Trava Línguas* (2021), Lina tem vários destaques na mídia visual, como o programa *TransMissão* (2019-2021), as séries *Segunda Chamada* da TV Globo, de 2019, e *Manhãs de Setembro*, da Amazon Prime Video, que estreou no ano de 2021, e que conta, atualmente, com duas temporadas.

No cinema, a multiartista participou dos filmes *Corpo elétrico* (2017), *Sequestro Relâmpago* (2018) e *Vale Night* (2022). Em sua vasta lista de trabalhos cinematográficos, também participou dos seguintes documentários: *Meu corpo é Político* (2017), *Abrindo armário* (2018) e *BixaTravesty* (2019). No ano de 2022, fez parte do *reality show* brasileiro *Big Brother Brasil* e foi nesse grande cenário da TV aberta que Linn conseguiu ter um alcance maior nacionalmente. A primeira travesti a participar do programa foi Ariadna, no *Big Brother Brasil* 11, e foi a 1ª eliminada em sua edição. Lina foi a segunda travesti a ocupar esse espaço e foi a eliminada com 77,6% dos votos, tendo sido a 12ª eliminada.

4 *Pajubá*, a resistência em forma de música

Pajubá é o álbum de estreia da cantora e atriz Lina Pereira, como nome artístico de Linn da Quebrada. Após um *crowdfunding*⁴ em que foram arrecadados cerca de 49 mil reais, o álbum foi lançado em 06 de outubro de 2017, produzido por BadSista, e teve participações como a de Gloria Groove, Liniker, Mulher Pepita e Jup do Bairro. O CD contém 14 músicas, sendo os *singles* as músicas: “*Enviadescer*”, “*Bomba pra caralho*” e “*Coytada*”, com a duração de 45 minutos e 35 segundos ao total, além de duas versões *remixes* (*Pajubá Remix I e II*).

O álbum transita entre os gêneros musicais: Funk, Pop, MPB e *Trap*⁵. Em suas letras, Linn se debruça sobre temáticas que fazem parte da sua vivência e fala abertamente sobre sexo, já que, muitas vezes, pela memória, este é um tema ligado ao corpo travesti, frequentemente significado como algo sujo e desrespeitoso para a/em nossa sociedade conservadora.

Pajubá é, ao mesmo tempo, álbum e manifesto. A partir do *funk*, Linn tece seu discurso de resistência dos corpos e sujeitos ao agenciar/negociar sua

⁴ Financiamento coletivo consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa.

⁵ A *Trap music* é uma das vertentes do rap, com diferentes abordagens em relação a melodias e batidas. Disponível em: <https://plataoplomo.com.br/trap-music/>. Acesso: 18 out. 2022.

subjetividade com a alteridade, a partir de relações sexuais e sociais desse corpo-sujeito. Por isso, o nome pajubá ganha efeito (Gumbrecht, 2010), ao permitir a emersão de uma resistência ancestral. (Oliveira, 2017, p. 8)

Para Linn da Quebrada, o *Pajubá* é: “Construção de linguagem. É invenção. É ato de nomear. De dar nome aos meninos. É mais uma vez resistência”⁶. Essa é a forma que a cantora se refere ao álbum em uma publicação na rede social *Facebook*.

4.1 A representação trans* em *Pajubá*

O nome do álbum – *Pajubá* – faz referência ao próprio mundo travesti, ou seja, a representação trans* começa no próprio título. “Pajubá” ou “bajubá” é um dialeto dominado pelas travestis e derivado do idioma yorubá, com a inserção de algumas palavras de outros idiomas, em países africanos, tais como Nigéria e Benin. Aqui no Brasil o yorubá está presente nos terreiros de matriz africana, especificamente no candomblé⁷. Foi nos centros de culto ao orixá que pessoas LGBTQIAP+⁸ tiveram o seu contato com o idioma, pois eram lugares onde muitas pessoas encontravam acolhimento e proteção da sociedade, que negava suas vidas.

Segundo Nascimento (2021), o termo trans*, com o asterisco, é utilizado como forma de abranger todas as pessoas não cisgêneras que são: Mulheres trans, travestis, trans masculinos e pessoas não binárias. De acordo com Dos Reis e Pinho (2016, p. 14), corpos não-binários são “indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade”. E foi isso que Linn da Quebrada fez em seu primeiro CD, pois, quando pensamos na construção do álbum, encontramos quatro participações que são trans*: as travestis Liniker, Mulher Pepita e Jup do Bairro e a Drag Queen Gloria Groove, que é uma pessoa não-binária.

Apesar do grande estouro de artistas IGbt⁹ em 2017, como o caso da Drag Queen Pabullo Vittar, com a sua imensa representatividade para a comunidade e assim abrindo portas

⁶ Linn da Quebrada: Kickante – A bixa pode fazer um pedido? Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinn daquebrada/videos/1873211232917440>. Acesso: 17 ago. 2022.

⁷ Cf. Araújo (2018) e Nascimento e Costa (2019).

⁸ É uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e mais.

⁹ Apresenta-se a sigla IGbt, com destaque para a letra G, pela grande representação gay nos meios de comunicação e pela maior “aceitação” pela sociedade em comparação às outras identidades representadas pela sigla.

para outras drags entrarem nos holofotes da mídia, essas portas não foram abertas para corpos trans*, de modo que o papel de Linn ao possibilitar essa união de corpos marginalizados, em específico de três travestis pretas, é de suma importância para que esses e vários outros corpos possam circular, assim como os discursos que os perpassam.

4.2 Pra mudar o visual: a estética de celebração que ronda o *Pajubá*

Não é somente em suas letras que Lina traça a representação de suas vivências e de seu ciclo social. As imagens utilizadas para compor a capa e o encarte do álbum se vinculam a esses discursos e trazem referências diretas à luta travesti, pois são compostos de várias travestis pretas. As fotos que compõem tais materialidades foram tiradas na Casa Nem, que é uma ONG que acolhe pessoas LGBTQIAP+, em sua maioria pessoas trans*. Ou seja, o próprio espaço escolhido significa, por não ser qualquer espaço, mas um espaço aberto para a diversidade dos corpos e das pessoas.

“Os discursos são históricos” (Colaça, 2022, p. 95), eles se materializam também nos traços que fazem a composição das fotos do encarte do *Pajubá*, seja pelos corpos fotografados, seja pelo local em que as fotos foram tiradas. Para Lagazzi,

falar do discurso como a relação entre a materialidade significativa e a história para poder concernir o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história. Materialidades prenes de serem significadas. Materialidade que compreendo como o modo significativo pelo qual o sentido se formula (Lagazzi, 2011, p. 401)

Por essa perspectiva, afirmamos que os corpos das travestis são tomados como históricos, considerando todas as batalhas que travam, que já travaram e que ainda travarão contra a sociedade. No decorrer desta seção, serão apresentados estes dizeres que envolvem Linn da Quebrada. Começaremos pela imagem disposta na capa do álbum em análise (Figura 1).

Na capa, é possível observar um corpo negro, com braços fortes, com um vestido, alisando um aplique de cabelo com um ferro de passar roupa. A imagem sugere, portanto, ser uma travesti que parece se preparar para algum momento especial, pelo preparo do aplique de cabelo para a ocasião. Ao relacionar esta imagem com as seguintes, podemos entender que se trata de alguma comemoração, visto que são apresentadas as integrantes em

momentos de celebração, como apresentado nas sequências abaixo, retiradas do encarte do álbum.

Figura 1 – *Pajubá*-Capa (2017)



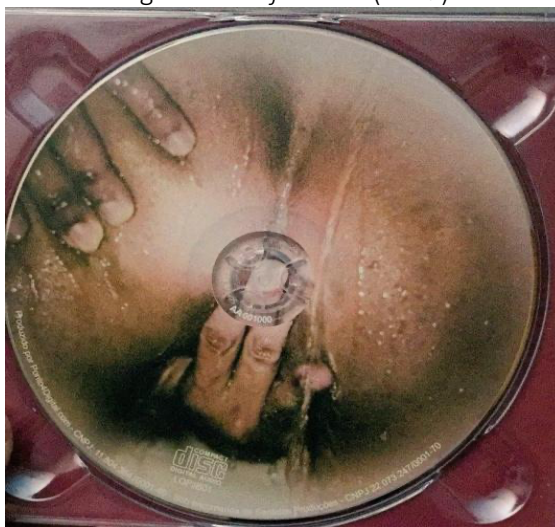
Fonte: os autores.

Figura 2 – *Pajubá*-Encarte (2017)



Fonte: os autores.

Na sequência, vemos a representação de um ânus, circundado de dedos, sugerindo o ato de masturbação na região. A imagem que vem compondo a arte do CD é algo que a artista cita e glorifica em diversas músicas, o “ânus”, ou como Lina o denomina, “cu” ou “rabo”, fazendo ressoar os nomes populares em suas músicas. Vale ressaltar que se trata, também, de um corpo negro.

Figura 3 – *Pajubá*-CD (2017)

Fonte: os autores.

Trazer essa imagem significa percorrer em duas direções: a primeira é uma forma de associar o ânus ao corpo de uma travesti, pois ambos são vistos pela sociedade como sujos, impuros e representam atos de profanação aos dogmas do cristianismo, já que, nesse álbum, a cantora faz críticas às religiões cristãs, especialmente na música “Submissa do 7º dia”. Apesar de serem rechaçados os corpos travestis, em seus dizeres, Linn da Quebrada aponta para a comum relação sigilosa pela qual a sociedade consome estes corpos. Outra direção de sentidos que se pode depreender a partir da imagem é como ela parece uma forma de exaltar o prazer anal e o autoprazer, muitas vezes negados a corpos trans*. Tratar do corpo, seus orifícios e o prazer pela imagem sexual é algo que perpassa toda a obra, visto que, além das imagens, as palavras a serem ditas reproduzirão o linguajar de pessoas adultas que falam do ato sexual e das relações sexuais de uma forma aberta e livre, legitimando o modo de falar das travestis. A sexualidade a elas atribuída é ressignificada e não mais dita pelo outro, mas por elas mesmas. Elas falam de sexo, falam de seus corpos e reproduzem seus desejos e suas dores, a partir do seu próprio lugar. É um álbum de travesti para travestis. Tal percepção aparece na sequência das imagens, que representam o público-alvo do CD, travestis pretas que não esboçam a feminilidade exigida pela sociedade para serem consideradas mulheres. A travesti é rechaçada na sociedade e, na contramão, Linn se vale das imagens de suas semelhantes (Figura 4) para estampar a capa do CD, como um modo de celebração de seus corpos.

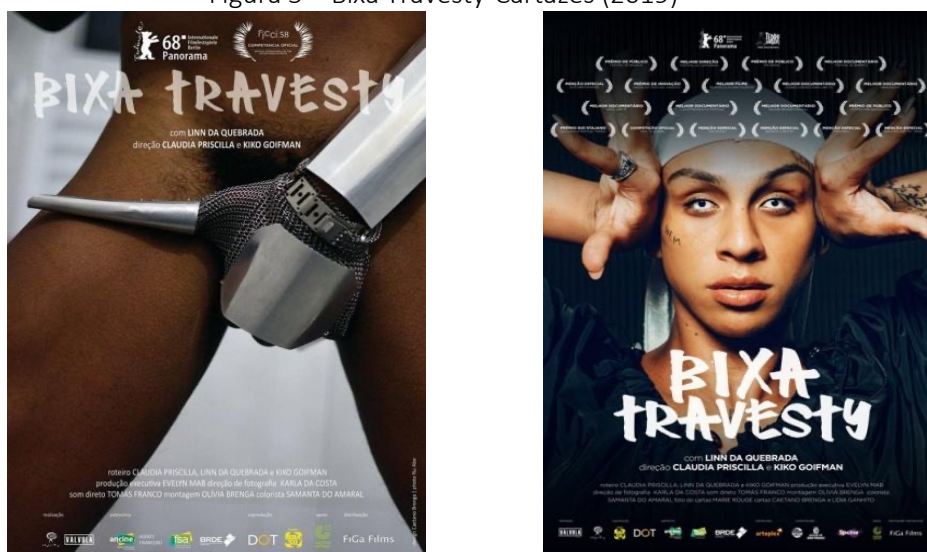
Figura 4 – Pajubá-Encarte (2017)



Fonte: os autores.

Para compor essa reflexão, reproduz-se, aqui, uma fala de Lina durante a sua participação no programa Big Brother Brasil (BBB) 2022: “Nem sou homem, nem sou mulher, eu sou travesti”, porém sempre “ela”. Ou seja, a referência não seria ao feminino, a uma mulher ou a um homem que se traveste. Para Lina, o modo de ser sujeito é ser travesti, ser travesti é ocupar outro lugar, nem de homem, nem de mulher. É “ela” que não supõe ser mulher, é “ela” com direito a dizer sobre si e sobre seu corpo. No álbum, é a celebração dela, da travesti, é a celebração do *ser* travesti.

Figura 5 – Bixa Travesty-Cartazes (2019)

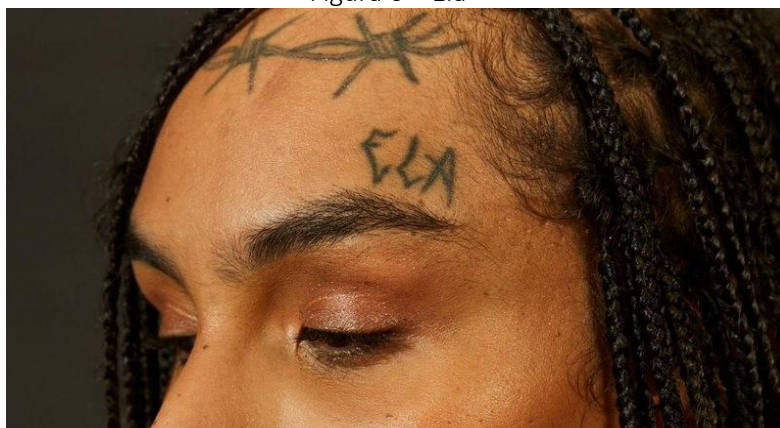


Fonte: os autores.

Não é somente nas letras e no encarte do *Pajubá* que nos deparamos com essa vasta representatividade trans*, Linn também a traz no *Bixa Travesty* (2019). O projeto recebeu diversos prêmios, entre eles os prêmios internacionais *Teddy Award* (Tramell, 2018) de Melhor Documentário, em 2018, no Festival Internacional de Cinema de Berlim, e o prêmio Inovação – *Inside Out*, no Festival Internacional de Cinema de Toronto, também em 2018¹⁰.

O documentário, que está disponível na plataforma Globo Play ou no YouTube para a compra, trata de sua história, como se deu a criação e construção do álbum *Pajubá* e, também, sobre sua vida íntima, como, por exemplo, o momento frágil em sua vida que foi a descoberta de um câncer no testículo em 2014. Para superar a doença, Lina precisou passar pelo tratamento com quimioterapia durante três anos. Segundo a artista, muitas pessoas a condenaram sobre o câncer, condenaram o seu corpo, afirmando que a doença haveria se dado como uma forma de castigo por ela ser uma travesti.

Figura 6 – Ela¹¹



Fonte: os autores.

É no documentário, no trecho 16 '53"-17'12", que ela explica o motivo da famosa tatuagem em sua testa, que é o pronome pessoal do caso reto "ELA". De acordo com a artista, a tatuagem foi feita para que sua mãe jamais se esquecesse de como deveria tratá-la. Poderíamos ter a ideia de que a tatuagem foi feita como forma da Linn se lembrar do lugar social em que ela se colocou, assumindo uma posição em sua travestilidade. Entretanto, a

¹⁰ Bixa Travesty ganha mais prêmios internacionais para o Brasil. Disponível em: <http://almanaquevirtual.com.br/bixa-travesty-ganha-mais-premio-internacional-para-o-brasil/>. Acesso: 14 set. 2022.

¹¹ Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/media_versions/hard_news/linndaquebrada_widelg.jpg. Acesso em: 13 abr. 2023.

tatuagem tem o intuito de lembrar ao outro corpo como ela deve ser tratada, esse corpo pode ser tanto a sua mãe como qualquer outro sujeito. Linn faz trabalhar a memória discursiva,

a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face, a um texto surge como acontecimento a ler, vem a restabelecer os “implícitos” de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação do legível. (Pêcheux, 1999, p. 52).

Em concordância com Pêcheux, entendemos que a memória retoma o já conhecido, mas também o atualiza. A tatuagem retoma o passado de Linn e, ao mesmo tempo, se distancia dele, atualizando assim os sentidos para ELA na atualidade. A marca absorve o acontecimento para que o ato de sua mãe errar o seu pronome seja ressignificado, produzindo novos sentidos, já que a tatuagem não serve mais para sua mãe se lembrar de como tratá-la e, sim, para a sociedade recordar que ELA é um corpo travesti.

Segundo Lagazzi (2010, p. 180), “a metonimização produz pontos de resistência que retornam e se reafirmam na equivocidade das imagens”. Podemos afirmar que esse processo ocorre durante as cenas do *Bixa Travesty*, pois nelas se mostra a abertura para os sentidos, a possibilidade de interpretações para seus interlocutores e o jogo que faz a artista evidenciar tal pluralidade. Como recorte, podemos recorrer a uma parte do documentário em que Linn está em tratamento de quimioterapia (Figura 7, *Bixa Travesty*, 2019, 51’20”-56’40”). No decorrer desta cena, Lina está em um quarto de hospital e está se maquiando e performando em frente ao espelho. Esta construção visual aparece como uma forma de Linn se reafirmar como um corpo feminino, apesar de estar em um momento frágil para si mesma. Além do corpo nu, que não deixa entrever suas marcas, a postura, o salto e a maquiagem marcam o lugar do feminino, que também comparece na louça rosa que adorna o cenário.

A imagem de Linn afronta a cisgeneridade, afronta o imaginário da binaridade do que é ser mulher/homem, confrontando a perspectiva cisgênero que estrutura nossa sociedade. Para Nascimento (2021, p. 80),

a cisgeneridade impõe a consequente produção de uma hierarquia social que considerará abjeto todo corpo que fugir à tal normatividade. Por isso, a crítica ao cisgênero como modelo único é tão importante, pois ela retira a condição de naturalidade a materialidade dos corpos, propondo, de outra maneira, pensar que esses processos de materialização dos corpos trazem as marcas de práticas discursivas.

Figura 7 – *Bixa Travesty* (2019), 56'04"-56'40"

Fonte: os autores.

A construção do cenário, da personagem, da história se marca nessa relação entre imagem e dizer, que projeta uma possibilidade de sentidos, que se enlaçam também na história do álbum *Pajubá*. O embate colocado aí e também na capa do CD, como exposto na Figura 1, e se coloca pela própria imagem de Linn, pelo seu corpo travesti.

Nessa seção, pretendemos traçar um panorama acerca do álbum *Pajubá*, mostrando como este celebra o corpo travesti em seus diversos tipos de materiais, seja pelas fotos que compõem o CD, seja nas cenas de seu documentário. Por fim, o que vimos foi uma travesti preta e marginalizada sendo exaltada nos produtos que rondam Linn da Quebrada, um corpo travesti protagonista.

5 Por último, mas não menos importante

Pedimos licença “pros trabalhos começá”, como na música da artista foco de nosso trabalho, e agora pedimos espaço para não finalizar este texto. Ele é parte de um trabalho que terá continuidade com as análises das letras das músicas, em outro momento. Aqui, finalizamos apenas, portanto, nossos primeiros gestos de interpretação acerca das imagens que compõem o álbum *Pajubá* e o documentário *Bixa Travesty* que, contam com muito mais textualidades. Nesse artigo, buscamos apresentar como os corpos travestis são significados na obra da artista e como tais corpos são celebrados, tomam o lugar central, saem da margem e passam a ocupar a posição de protagonistas.

Pelas análises empreendidas, foi possível perceber o modo como a construção visual das obras está intrinsecamente ligada a uma forma de representar as travestis, para além das letras de música, para além do que se diz delas, mas a partir do seu próprio lugar como sujeito da enunciação. A travesti fala por si e pelas outras, a travesti se representa. O que há é representatividade em imagens, pelas quais as “irmãs” comparecem e são as únicas retratadas nesse espaço, aquelas de quem se diz, mas que também dizem de si, que são retratadas maquiadas e festejando, celebrando sua travestilidade.

O trabalho de Linn da Quebrada como artista travesti busca ressignificar os ideais conformados sobre seus corpos, buscando dizeres outros que requerem respeito, igualdade e reconhecimento do prazer. Esperamos contribuir para inaugurar uma nova era, na qual travestis não vivem mais às escondidas e estão ocupando os espaços para destruir o Sistema opressor.

Referências

ARAÚJO, G. C. **(Re)encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica**. 2018. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1312>

BIXA Travesty ganha mais prêmios internacionais para o Brasil. **Academia Internacional de Cinema**. Disponível em: <http://almanaquevirtual.com.br/bixa-travesty-ganha-mais-premio-internacional-para-o-brasil/>. Acesso: 14 set. 2022.

COLAÇA, J. P. **O discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção: uma análise dos pronunciamentos de Fidel Castro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i0.22976>

COLAÇA, J. P. Discursos de/sobre América Latina nas aulas de Língua Espanhola: “A história que a História não conta”. **Caderno de Letras – UFPEL**, v. 2022, p. 89-110, 2022.

DE OLIVEIRA, P. P. A. Linn da Quebrada e Pajubá: hipermidiatização e música queer periférica. In: PENSACOM BRASIL, 1., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/lista_area_gt4.htm. Acesso em: 8 nov. 2024.

DOS REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, p.7-25, 2016. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7045>

LAGAZZI, S. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **RUA [online]**, n. 16, v. 2, p. 172-183, 2010. <https://doi.org/10.20396/rua.v16i2.8638825>

LAGAZZI, S. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, E. A. *et al.* (org.). **Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: RG, 2011. p. 401-410.

Linn da Quebrada: Kickante – A bixa pode fazer um pedido? Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/videos/1873211232917440>. Acesso: 17 ago. 2022.

Linn da Quebrada. SereiA. **Pajubá**. Sentidos Produções, São Paulo, 2017.

Linn da Quebrada. **Pajubá**. Sentidos Produções, São Paulo, 2017.

LINN da Quebrada inicia crowdfunding para lançar álbum de estreia. **Gente**, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2017-04-11/linn-da-quebrada.html>. Acesso: 6 ago. 2022.

LINN da Quebrada lança financiamento coletivo para álbum. **Gaz**, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/linn-da-quebrada-lanca-financiamento-coletivo-para-album/>. Acesso: 6 ago. 2022.

MAZZARO, D. Colonialidade de gênero. In: MATOS, D. C. V. S.; SOUSA, C. M. C. L. L. (Org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. v. 1, p. 43-49.

NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, T. F. do; COSTA, B. P. da. O terreiro de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 25-36, 2019.

ORLANDI, Eni. **Segmentar ou recortar?** Lingüística: questões e controvérsias. Uberaba: Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.) **Papel da memória**. Campinas, Pontes, 1999.

SILVA, W. P. Desroteirizações da experiência anal em Pajubá (2017) da MC Linn da Quebrada. In: CONAGES, 13., 2018. **Anais...** [s.l.]: CONAGES, 2018.

TRAMELL, T. BIXA Travesty que ganhou o prêmio Teddy em Cannes. **Jornal do Brasil**, 24 set. 2018. Disponível em: <https://www.jb.com.br/cultura/2018/09/9101-bixa-travesty-que-ganhou-o-premio-teddy-em-cannes-encerra-competicao-oficial-de-brasilia.html>. Acesso: 14 set. 2022.

WILLIAM, R. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

Recebido em: 29.12.2023

Aprovado em: 29.03.2024